

poesia postal

//

09



poesia postal

//

09

Poemas de Andreia Oliveira,
António Musa, Cobramor, João
Pedro Mésseder, Mar Frazão,
Margarida Azevedo, Margarida
Neves, Margarida Oliveira,
Margot e Maria Joana Almeida
inspirados numa colagem de
Letícia Barreto Primavera de
2026

Ervas

Ninguém avisa
Que quando os passos
Nos levam em direção a algo
As raízes que não alimentam
Apertam os tornozelos
Para nos lembrarmos
Das ervas secas que não pisamos

ANDREIA OLIVEIRA

“Quem disse que às coisas antigas”

Quem disse que às coisas antigas
é permitida a intrusão?

Os segredos não se eternizam
somos seres conduzidos

A nossa postura
é ainda ancestralidade

E a suposta liberdade sofre
com os recuados gestos

ANTÓNIO MUSA

“as nossas vidas tão exageradamente”

as nossas vidas tão exageradamente

preenchidas não consentem

e s p a ç o

ao _____vazio

desaba no esquecimento até

ao momento da surpresa

abocanha-nos em convulsão como

o crocodilo ataca a presa

COBRAMOR

Deita-te

Deita-te no leito de Abril,
Maio,
e espera pela minha chegada.
Levo para ti o fresco da erva cortada pela manhã
e visto a leveza do branco
no meu traje mais belo e mais humilde.

Deita-te no leito de Abril,
Maio,
e espera pela minha chegada.
Levo o rubor da liberdade e a seiva que é precisa
para com ela fazermos verdecer, tu e eu,
o finíssimo caule da alegria.

JOÃO PEDRO MÉSEDER

ao de leve

debaixo da mesma

árvore

encostei só ao

de leve

a minha boca

na tua

e inundou-me

a primavera

ficou de rosas

a rua

MAR FRAZÃO

Rasgar o tempo

O vermelho intenso do tempo
rasgado com cuidado
não para separar, mas para caber.
O olhar da mulher que permanece,
que ainda acredita
que o corpo é casa arrumada.

A cama feita para alguém
que talvez nunca regresse
mesmo que seja
por algumas horas
corpo presente.

O vermelho intenso do tempo
rasgado com cuidado
na tentativa de colar o passado
visto pela janela em contrapicado.

A memória desobedece
é varrida para os cantos
do quarto cuidadosamente limpo.

Rasgou o tempo com cuidado
As memórias guarda-as no vestido.

MARGARIDA AZEVEDO

em memória da minha avó materna

É enorme recordar tanta cor
num sorriso escasso de pétalas

o tempo da faculdade e das hormonas
quando a avó dormia no quarto das visitas –
não me lembro em qual das camas

as meias remendadas
a casa varrida antes do meio-dia
um doce em corpo de andorinha

Agora que o tempo já não chega para remendar nada
é enorme recordar os dias à volta de sua mesa –
uma mesa comprida sem luxos
onde luxo era sentar todos à mesma mesa

Este instante parado no tempo
eis um tempo que vale a pena trincar
devagar
como, em nossa casa, trincava ela as amêndoas

MARGARIDA NEVES

À mesa com a memória

A casa vazia estremece
em cada memória de dias felizes
as paredes caiadas de silêncio
escorrem sombras finas
só a ausência regressa
bem devagar aos lugares vagos
à mesa onde nunca fomos sós.

O caminho já percorrido
torna o horizonte tangível
tão perto de um quase fim
onde só o sorriso do retrato
adormece no quarto órfão.

MARGARIDA OLIVEIRA

“Pedaço de mim”

Pedaço de mim
lembro-me
de ti
pedaço de mim
peça perdida de puzzle
papel de parede a descolar
outrora cores frescas e radiantes
desbotadas pela distância no tempo
pedaços despedaçados da memória
que pairam num universo paralelo
flutuam numa velocidade lenta
só eu e tu
tu e eu

MARGOT

Um dia lento

quero um dia lento

uma gaveta a murmurar conversas em pesados álbuns

o meu corpo pendente

a enrolar o fio do tempo para trás

a porta semiaberta para os meus pés descalços

MARIA JOANA ALMEIDA

poesia postal

//

09

Primavera de 2026

www.elefante-editores.net